

SEXO, CULTURA & POLÍTICA

Alexander Martins Vianna

Resumo: O ensaio problematiza noções correntes de sexo e sexualidade. Discute o uso da noção freudiana de instinto e examina os impactos da naturalização das noções de feminino e masculino na vida diária.

Palavras-chave: Sexo; Sexualidade; Gênero

O ser humano vive uma impossibilidade sobre si mesmo quando pensa sua origem. Ocasões em que se tentou fazer isso foram sempre marcadas por uma visão que o restaura a um estado de natureza, ou seja, algo que antecede à sociedade. Na versão religiosa judaico-cristã, há o homem e a mulher primitivos que receberam o sopro divino – apesar de a mulher receber um sopro de segunda linha – e deram origem à humanidade. Nasceram no Paraíso, são a imagem e semelhança do Onipotente e, portanto, já nascem sapientes.

O ser humano das iniciativas individuais, o mônada do liberalismo, alimentou várias tendências de pensamento da “condição humana” que pretenderam encontrar coisas inatas a ele que pudessem justificar o comportamento, o sucesso, o insucesso, a perversão, a extinção etc. conseqüências disso para os discursos raciológicos e etnológicos de dominação são evidentes. No entanto, todo este argumento se esvai por uma constatação muito simples e constantemente ignorada: não há homem sem sociedade, não há natureza humana que não seja social pois, caso contrário, o homem não seria mais do que um animal irracional – o mito de Tarzan é, como diz o termo, um mito (do liberalismo!). Àquele que procura uma base orgânica para a cultura, encontrá-la-á nos se-

guintes termos: quando nasce, o ser humano é o único dos mamíferos superiores a ter uma margem maior para a desprogramação dos instintos, ou seja, nasce com um potencial para a cultura. Como já nasce num meio social programado, ao pôr os olhos no mundo já está sendo enquadrado pelos valores de seu meio. Neste sentido, tudo que diz respeito ao seu comportamento tem relação com as filigranas de seu processo de socialização. Portanto, do colo da mãe ao colo da terra – de acordo com a complexidade da vida social, as variações dos papéis sociais e o grau de trânsito pelos espaços onde se encontra –, a vida do ser humano vai ser marcada por escolhas que mais ou menos expandem ou reduzem sua individualidade.

Entretanto, por uma tendência de leitura biologizante da vida social, como as várias tentativas da sociobiologia de explicar a vida humana a partir de metáforas da vida animal ou, invertendo o fluxo, culturalizando o comportamento dos animais (ódio, ciúme, amor, vingança – termos comuns a muitos documentários da vida animal da série *Discovery* ou da *National Geographic Society*), as ações de homens e animais passaram a se tocar por margens muito tênues para justificar comportamentos “desviantes” e, dessa forma

isentar a sociedade de qualquer responsabilidade sobre os sistemas de valores que tornam a sua existência possível. A consequência disso em termos institucionais é evidente: se a célula de um tecido está doente, deve ser extirpada para que não contamine as sadias. Os EUA guardam uma ironia em relação a isso: o mesmo país que institucionalizou a pena de morte em alguns estados confederados é o mesmo que lança um filme “O Silêncio dos Inocentes” (1991), no qual o próprio “médico-monstro” encarcerado – clichê previsível – lembrar-se à policial que o *serial killer* que procura não “nasceu deste jeito”, e ela só consegue encontrá-lo quando tenta restaurar a cadeia social de sua existência. Esta mesma leitura é ainda corroborada por algumas associações com a psicanálise que deixariam Sigmund Freud de queixo caído: valendo-se de uma simplificação da noção de impulsos sexuais e refreamento dos mesmos pela civilização, deliberadamente são esquecidos os “totens” e “tabus” que davam a Freud menos certeza sobre certas prescrições que aos seus leitores posteriores. Freud foi convenientemente “estruturalizado”. Por fim, os impulsos e os instintos tornam-se *últimas instâncias* a justificar o comportamento, isentando-se a “civilização” como elemento que os orienta.

De volta ao ponto referente às escolhas, percebemos que se fala sobre escolher uma roupa ou qualquer peça de uso, rapidamente nos reportamos à cultura. Quando a escolha se refere ao sexo, voltamos convenientemente aos impulsos e às suas “bases biológicas” de desvio. Os ditos “desvios” (criminosos ou sexuais) vistos por este viés causam menos desconforto aos pais (à sociedade) por diminuir a “vergonha”. Daí, não raro, ouve-se sempre os mesmos argumentos que

partem de causas individuais ou de uma simplificação grosseira das determinações sociais: “Como pode que fulano seja assim?...”; “fulano não passava por nenhuma privação e, mesmo assim, tornou-se um ladrão”; “fulano era pobre e, mesmo assim, nunca roubou...”; “fulano vivia em condições sociais muito precárias, o que explica o fato de ser criminoso”; “fulano teve boas condições de vida, isto explica ele ser o que é”. Todas estas asserções modelares, que ouvimos em um momento ou outro em nosso cotidiano, parecem estar em contraste: umas individualizam e outras socializam o “desvio”. No entanto, ambas as posturas partem de *situações-essência* que pressupõem uma *equação perfeita* e, por fim, acabam por se complementar. Isto explicaria o aparente *espanto* tão comumente apresentado nos meios de comunicação quando jovens de classe média roubam lojas de conveniência, queimam e espancam mendigos, homossexuais e prostitutas na rua em madrugadas de “zuadas de *bad boys*”? Em termos simples: o *espanto ocorre* porque o crime parece *fora do lugar*.

As situações sociais de escolha não devem ser ignoradas, mas são de difícil apreensão explicativa porque levam o ser humano a pensar em algo que lhe é estruturante: como pensar sobre o que faz pensar ou como pensar sobre o que faz escolher quando a incógnita da equação é o próprio processo social de formação do homem? Não há ponto fora do homem a partir do qual o homem possa falar a respeito de si, como faz quando observa os eventos naturais; por outro lado, o homem é sempre um coletivo – é todo e uno. Falar sobre si é necessariamente falar sobre como o homem se representa. Neste sentido, é sempre pelo contraste com o Outro que o

homem pode pensar em seus elementos de estruturação. Se fossem simples as respostas sobre a sua humana condição, poder-se-ia declarar o *fim da Filosofia* (ou *da Religião?*!), tal como se tentou fazer com a História. A busca da resposta estará sempre fadada ao fracasso quando a pergunta pressupõe encontrar um elemento essencial, único, na estruturação social humana – uma *solução individualizante* ou uma *sociologização-clichê*.

Para colocar mais lenha da fogueira, vou complicar um pouco esta discussão até causar tanto desconforto que interrompa as armadilhas do senso comum. Vou começar definindo “sexualidade” como “manifestação cultural do desejo sexual”. Deliberadamente, uso o termo “desejo” e não “impulso” porque o primeiro, diferente do último, implica uma situação não errática, ou seja, o ser humano é uma animal sem cio e, portanto, o que estimulará o instinto sexual – a base biológica de seu ser – não será uma simples exalação de feromônio. O que se julga “belo” ou “sexualmente desejável” sofre a prescrição dos valores mais ou menos conscientes e socialmente compartilhados: deseja-se qualidades presentes ou que se julga presentes no objeto de desejo – e qualidades implicam um julgamento dos termos do valor, coisa impossível aos outros animais. A consciência do desejo ou a concretização do desejo pode ou não ser socialmente aceitável – caso não o seja, é vista como “desvio”. Quem deseja o “desvio” – aquilo que é tabu – sofrerá a sanção dos outros, quando não o impinge sobre si mesmo (superego). Tocar em algo que é tabu gera necessariamente uma sensação de culpa. E o “culpado” pode aliviar-se dela de diferentes formas: desde o sado-masochismo até o apelo a uma condição inata de seu “desvio”. Sobre este último ponto, chamo

atenção sobre a forma como alguns grupos de defesa dos direitos dos homossexuais se portam na arena política, ratificando indiretamente a discriminação.

Frente à violência que sofrem, vários grupos de homossexuais procuram uma base biológica para lutar ou justificar o seu direito à diferença: ou “todo mundo” é potencialmente *gay*, bastando a oportunidade para o afloramento da estrutura homem/mulher nos “homens” e nas “mulheres”; ou se é individualmente *gay* porque se “nasceu assim” – trata-se de uma questão hormonal ou genética. Em todo caso, evoca-se uma “força externa” ao *indivíduo social* para explicar o comportamento. Como evitar tais armadilhas onde a parte ofendida assume o valor da parte que ofende?

Toda espécie animal que não é hermafrodita terá os fatores da cadeia reprodutiva em corpos distintos. Do ponto de vista biológico, isto define o macho e a fêmea de uma espécie, cuja reprodução ocorrerá por troca de gametas. Se alguns animais hermafroditas podem ou não ter uma reprodução cruzada, uma espécie não hermafrodita necessariamente precisará trocar gametas entre os assim definidos “gêneros” para perpetuar a sua espécie. No entanto, enquanto *macho* e *fêmea* são definições biológicas e, na espécie humana, o *homem* é o macho e a *mulher* é a fêmea, isto não deve ser confundido com *masculino* e *feminino*. Tais termos não definem o “gênero” e sim uma idéia de comportamento a partir dele. Isto significa que *o fato de ser feminino* ou *ser masculino* se dá no âmbito sociocultural.

Cada sociedade define os seus campos do *feminino* e do *masculino*, e o grau de tolerância e aceitação quando tais *pa-*

GÊNERO

péis não coincidem com *corpos machos* e *corpos fêmeas*. Não se precisa ir até o magistral relato de Pierre Clastre a respeito dos tabus do “arco” e do “cesto” entre os guaranis para se entender o caráter socialmente construído do *ser feminino* e do *ser masculino*. Basta que nos voltemos para a nossa própria sociedade: o carro para o menino, a boneca para a menina; a rua para o menino, a casa para a menina; a rispidez para o menino, a delicadeza para a menina [...]. Um menino delicado e uma menina muito moleque *chamam logo a atenção* porque estão *fora do lugar*.

O *gay* e a *lésbica* causam contraste na paisagem já programada: o *comportamento feminino* deve coincidir com a mulher e o *comportamento masculino* com o homem. No entanto, confirmando isto de uma forma que mexe necessariamente com a construção de uma identidade grupal, *estranha-se*, também, quando um homem deseja outro homem e não é *afeminado*, ou quando uma mulher deseja outra mulher e não é *emasculada*, ou seja, não dão na vista ou, como mais vulgarmente se diz, o que reflete apelos discriminativos de *Gs*, *Ls*, *Ss*, e *não-Ss*, “é recolhido(a)”, “não é assumido(a)”. Quando se trata de casais homossexuais, algumas pessoas chegam mesmo a se perguntar em tom de fofoca:

quem é o *homem* ou a *mulher* da relação? Em todo caso, *estranha-se* porque não se traz *as marcas do visível* de uma determinada programação sociocultural, o que reflete os receios da ordem social em controlar o assim considerado “desvio” que, uma vez que seja inevitável, deve ter, então, os seus *próprios lugares*, os seus *próprios sinais* identificadores – carregar o “cesto” ou o “arco” –, para que uma falsa tolerância continue a se perpetuar e, assim, todos continuem a se ignorar em aparente paz. Será que vivemos versões veladas de *American History X*? Será que vivemos de forma atenuada em nosso cotidiano os mesmo valores que tornaram possíveis os campos de concentração e extermínio, as leis de Nuremberg ou mesmo uma Operação Eutanásia? Talvez pensar a lógica de seus valores ao extremo faça com que as pessoas atentem para o que norteia a aparente inocência das piadas discriminativas.

Abstract: This essay examines current notions of sex and sexuality. It also analyzes the freudian notion of instinct and discusses the impacts of the naturalization of the male and female roles on our daily lives.

Keywords: Sex; Sexuality; Gender.